

importante do curso. Para tanto, os fósseis devem ser vistos como partículas sedimentares e a interpretação dos processos de sedimentação e preservação se faz fundamental. Neste contexto, a necessidade de se conhecer a morfologia e a distribuição temporal e espacial dos grupos de fósseis se faz evidente. Devem ser apresentadas as divisões fundamentais da árvore taxonômica, buscando a utilização de chaves de identificação como forma de simplificar e sistematizar o reconhecimento dos fósseis. De qualquer forma, a morfologia e sistemática devem ser apresentadas da forma mais sintética possível, não podendo ser, de maneira alguma, a ênfase de um curso de paleontologia.

No entanto, a realidade da disciplina Paleontologia foge bastante disto. Os assuntos tidos aqui como importantes são discutidos, de maneira bastante superficial, na parte introdutória do curso, cobrindo menos de ¼ da carga horária total. O restante do curso é dedicado à apresentação dos grupos taxonômicos e suas características morfológicas. Mesmo neste aspecto o curso é fraco, visto que é apresentada uma quantidade enorme de informações sem que seja proposta uma sistemática de comparação destas características e de distinção entre os grupos. A falta da compreensão da aplicabilidade destas informações as torna sem qualquer valor científico. Ressalta-se ainda a qualidade ruim das bibliografias recomendadas, bastante velhas e que sofrem dos mesmos problemas do curso.

Em suma, o curso de paleontologia é um curso velho, pouco adaptado ao novo currículo. Tem caráter essencialmente descritivo, sendo fraco até mesmo neste aspecto. Não possui qualquer direcionamento ao curso de geologia e nem mesmo objetivos claros. Torna-se patente a necessidade de se reformular este curso, para que ele se torne mais moderno e adaptado ao currículo.

GPE 250 Sedimentologia

Professor Paulo Roberto dos Santos

A disciplina anual, com seis créditos-aula (três para teóricas, dois para campo e um para prática de microscopia), tem como objetivo capacitar o aluno a descrever, classificar e interpretar a gênese dos diferentes tipos de rochas sedimentares. Informa ainda sobre os procedimentos analíticos de campo e laboratório (aspectos texturais, mineralógicos e conteúdo fóssilífero), com destaque para as estruturas sedimentares, utilizados na compreensão dos processos envolvidos na formação e modificações pós-deposicionais (processos diagenéticos) dos sedimentos. As aulas de campo, desenvolvidas nas bacias de São Paulo (duas excursões de um dia para Rio Pequeno e Itaquaquecetuba) e Paraná (duas excursões, sendo uma de um dia para Rodovia Castelo Branco e uma de três dias para a região de Pirajú) têm como objetivo o treinamento de campo relacionado à descrição (de rochas e de estruturas sedimentares) e definição da história genética dos sedimentos.

Lucelene Martins (Discente)

A disciplina GPE-250 - Sedimentologia foi oferecida pela primeira vez com

uma distribuição de sua carga didática em caráter anual.

Com o caráter anual da disciplina, conseguiu-se cumprir seu conteúdo de maneira mais suave e proveitosa para os alunos, que se viram estimulados pelo corpo docente a questionar e analisar.

A técnica utilizada pelos professores responsáveis foi a de não dar todas as respostas sem antes esgotar todas as possibilidades de compreensão do assunto pelos alunos, que se viram na posição de questionar e pensar bem antes de dar uma resposta. Porém o corpo docente tem que se preocupar em como e quando devem ser convidadas pessoas para contribuir com o curso, pois apesar da contribuição ser na maioria das vezes estimulantes, não deve haver exageros no que tange a testes de aula em sala de aula.

O trabalho de campo serviu para realçar que o aprendizado em sala de aula deve posteriormente servir como anteparo para que os alunos possam esgotar todas as possibilidades no campo e questionar sempre sobre o assunto visto.

Conclui-se facilmente que com um corpo docente interessado em que seus alunos aprendam e questionem sempre, qualquer matéria pode transcorrer de forma proveitosa para ambos os lados.

GPE 307 Estratigrafia

Professor Paulo Roberto dos Santos

A disciplina semestral, com seis créditos-aula (dois para teóricas, três para práticas e um para campo), trata dos conceitos fundamentais da Estratigrafia, com as definições de unidades e métodos de correlações. Em aulas práticas são construídas e interpretadas seções e mapas estratigráficos. Especial ênfase é dada a análise de evolução de bacias, com a definição de estilo com relação aos processos sedimentares e tectônicos globais. As rochas são analisadas a partir da identificação de fácies (com os parâmetros litológicos, biológicos e químicos), objetivando a definição dos diversos modelos e sistemas deposicionais envolvidos nos distintos ambientes de sedimentação (continentais, transicionais e marinhos). As aulas de campo (3 dias), desenvolvidas na regiões de Castro/Londrina no Paraná e Marília/Itararé em São Paulo, visam a abordagem genética dos sedimentos das bacias do Paraná e Bauru.

Luciana Venosa Rodrigues (Discente)

A importância da Estratigrafia torna-se, a cada dia, mais evidente para o entendimento da Geologia como um todo, e suas aplicações em outras disciplinas são necessárias e fundamentais. Porém a ausência de uma maior integração direta com as outras matérias do Instituto, leva à falta de aplicação imediata dos conceitos adquiridos. O curso deveria ser mais dinâmico e estimular o raciocínio dos alunos, porém a obrigação de decorar milhares de conceitos e definições que, certamente serão esquecidos no dia seguinte de uma avaliação, impedem que o curso seja realmente bem assimilado. As aulas teóricas e práticas devem ter mais ligação entre